

O USO DO TERMO E DO DIALETO CAIPIRA NOS JORNAIS DO SÉCULO XIX (1838-1884)

DIOGO TOMAZ PEREIRA*

RESUMO: O presente artigo tem como objetivos gerais a verificação do conceito das palavras e do dialeto caipira pesquisada nos jornais brasileiros que abrangem o período do século XIX, mais especificamente de 1838 (onde foi encontrada a primeira referência ao caipira) a 1884. Os principais resultados encontrados são a forma como era tratado o caipira e a palavra em si, que poderia ter vários sentidos, como por exemplo, em piadas de mau gosto. E mostro também que havia aqueles que defendiam o caipira, o tratando em alguns casos como herói, mostrando que o caipira é o verdadeiro representante da nacionalidade brasileira, de um Brasil rural e atrasado no tempo.

Palavras-chave: *Caipira, Dialeto caipira, Jornais do século XIX.*

ABSTRACT: The present article has, as general objectives, the verification of concepts of the words and dialects of the caipira (back-country Brazilians,) in Brazilian publications which cover the 19th century; more specifically, it covers the period between 1838 (where we find the earliest references to caipiras) and 1884. The main findings were how the caipiras and the word “caipira” itself, which can have several meanings, were treated. It is shown as well that there those who defended the caipiras, who were in some cases treated as heroes, and attempted to show that the image of the caipira is the true representation of the Brazilian nationality: a rural Brazil frozen in time.

Keywords: *Caipira, Caipira dialect, Journals from the 19th Century.*

Artigo recebido em 23 de Novembro de 2013 e aprovado para publicação em 04 de Fevereiro de 2014.

* Graduando em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: ufjf.diogo@gmail.com

1. Abrindo a porteira

O presente trabalho foi elaborado com o objetivo de mostrar o tratamento que recebia o caipira como indivíduo, e o seu dialeto no período que abrange o ano de 1838 até 1884. Para tal foram usados jornais da época.

A necessidade desse trabalho surgiu para tomarmos conhecimento sobre essas pessoas que fazem parte da nossa cultura, e que a população só tem contato por parte de livros, músicas e em nosso folclore. Alguns autores que pesquisaram sobre o tema dizem que é difícil de delimitar o surgimento da palavra ou quando apareceram os primeiros caipiras, mas sabemos que foi proveniente da miscigenação do índio nativo com o português colonizador durante três séculos (XVI, XVII, XVIII). O caipira surge na nossa história como o portador de uma cultura singular, carregando consigo muito da europeia e mantendo também, e principalmente, muitos dos costumes de seus antepassados nativos.

A origem da palavra também é um pouco controversa, há os defensores de que ela veio do tupi, outros, como Câmara Cascudo, dizem que a origem pode estar em caopora habitante e defensor da floresta (CASCUDO, 1988: 115). Outros linguistas e historiadores defendem que a palavra caipira vem de caipora. Enfim, é difícil delimitar qual a origem correta, por isso mostro em meu trabalho todas as teses. Além de focar também no dialeto caipira.

Assim, o presente trabalho compõe-se, além desta introdução, de quatro tópicos. O segundo é dedicado à origem da palavra caipira, que foi citado um pouco acima. O terceiro aborda o dialeto caipira e sua cultura, onde trato as palavras e um pouco sobre a música caipira. No quarto tópico abordo minhas fontes primárias, ou seja, os jornais da época, que foram encontrados *online*. Nesses jornais pesquisados me deparei com uma vasta escrita relacionada aos caipiras. Dois lados ficam bem explanados, o caipira morador do campo como um ser preguiçoso e atrasado e o caipira como esperto, inocente, puro, sagaz. E o quinto tópico dedica-se a concluir o assunto.

2. “Êêê trem bão sô”

Astúrdia também fiquei sabendo do caso dos etê di Varginha, purcausa disso Cumpadi Irineu as veis fica oiandu o céu percurando discu vuador, falei prele: “paracum isso hómi, essi trem num inzisti aqui na roça não”. Sabi o qui eli mi arrespondeu: “ocê vá lambe sabão, sô! Si na Varginha tem purquê aqui num haveria de tê? “Adispois quem é qui miagarante qui ocê num é um etê disfarçadu di genti, óia só essazoreia grande, parece inté aza dilicópero”. Depois desse trelêlê tô aqui matutano será purquê os ET iscoieiu logo Varginha pá descê? Sei não viu? Esse causo tá mar contado, quem sabe a genti num conta direitinho mais pá frente, né! Incrusivel, vô

consurtá uns intendido nu assunto purcausdiquê já micontaro qui tem ET morano na Varginha inté hoje. Dia desses lá na pondusbueno um pescadô ando proseando cum quinté nomi tinha, é um tardi ETervino, “uma mistura di ET cum alivino”, foi o qui pensei. Cê micontaro, conto proceis! Cê num aquerditô, ô coitadu! (O Sátiro, 2010)¹

Esse é um bom exemplo do dialeto usado pelo caipira, sempre contando um “causo” com um amigo ou compadre. A grande maioria dos causos os faz reviver o passado, um passado que talvez não volte mais. É pela simplicidade e ingenuidade dessa gente que tira o sustento da própria terra, que tive a curiosidade de entendê-los um pouco mais. Quem é esse personagem estereotipado como preguiçoso, burro, atrasado e que faz parte de nossa história desde a colonização brasileira por Portugal?

Proveniente da miscigenação do índio nativo com o português colonizador durante três séculos (XVI, XVII, XVIII), o caipira surge na nossa história como o portador de uma cultura singular, carregando consigo muito da europeia e mantendo também e principalmente, muitos dos costumes de seus antepassados nativos. Desta forma, as aventuras portuguesas mata adentro objetivavam encontrar ouro e prata, além de aldeias indígenas, cuja mão de obra era aproveitada nos trabalhos de homens brancos. Tornaram-se, esses aventureiros, em agricultores precários quando da necessidade de produção de alimentos para subsistência, fixando-se nas terras dos sertões paulistas e iniciando a formação de pequenas vilas e aldeias que mais tarde se tornariam grandes cidades. É na etimologia da palavra *caipira* que damos o primeiro passo para a discussão acerca do entendimento sobre o seu modo de vida. Desta forma, para Baptista Caetano a palavra *caipira* vem do tupi: *cai* = queimada / *pir* = pele: *pele tostada* (CAETANO, 1925: 95). Para Câmara Cascudo (1988) em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, a origem de *caipira* pode estar em *caapora*, ou seja: *caá* = mato / *pora* = habitante, morador. Portanto, *caipira* é o *habitante do mato*.

Para o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa², *caipira* é aquele que mora no campo ou na roça, também conhecido como *matuto*, *roceiro*. Possui também um sentido depreciativo, quem tem modos considerados rústicos, simples, grosseiros ou incultos. Em Portugal, aqueles que apoiavam ou eram membros do partido constitucionalista português, durante a Guerra Civil portuguesa, travada de 1828 até 1834 entre liberais constitucionalistas e absolutistas sobre a sucessão real - também conhecida como Guerras Liberais, Guerra Miguelista ou Guerra dos Dois Irmãos - eram chamados, em tom depreciativo, de caipiras.

¹ Disponível em: <http://broguicaipira.dihitt.com/n/humor/2010/10/27/causo-caipira--puxa-o-banquinho-e-senta>.

² Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/> Acesso em: 10/07/2013

Outros linguistas e historiadores defendem que o a palavra caipira vem de *caipora*. Segundo minhas pesquisas feitas em jornais do século XIX, mais especificamente no jornal *Correio Paulistano* de 1854, a caipora que os caipiras relatavam, era bem diferente da caipora que é ensinada nas escolas ou vistas em programas de televisão. Para eles caipora era um demônio gigante, que da cintura para cima tem a forma de um homem, do meio para baixo de um porco selvagem. Andava pela floresta perseguindo caçadores e derrubadores de árvores, também aprontava com pessoas que se perdiam pela floresta. Pela definição, lembre-se um pouco do fauno, da mitologia grega. No *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi* é definida como:

Caipira: origem controvertida. Admitindo-se que proceda do tupi, caipira poderia ser uma corruptela de caipora, com intercorrência de curupira, que justificaria a evolução – pora > pira. Semanticamente a hipótese é viável; faltam, todavia, os elos da cadeia evolutiva, pois, a documentação histórica é tardia. (CUNHA, 1989: 536)

3. A cultura caipira

Vivendo no campo e afastados dos centros urbanos, geraram uma cultura bem diferente e centralizada. Essa “cultura caipira” é fortemente caracterizada pela intensa religiosidade católica, por superstições e por um folclore rico e variado. Ele usa um falar peculiar, que preserva elementos do falar do português arcaico e, principalmente do tupi, e do *nheehgatu*³.

Segundo Amadeu Amaral, em seu estudo *O Dialeto Caipira*, diz que o caipira (como, em geral, todos os paulistas) pronuncia, em regra, claramente as vogais átonas, qualquer que seja a posição das mesmas no vocábulo: esperança, sobrado, pedaço, coroa, e recorre poucas vezes a sinalefa. Nos próprios monossílabos átonos me, te, se, de, o, que, etc., as vogais conservam o seu valor típico bem distinto, ao contrário do que sucede com os portugueses, em cuja pronúncia normal elas se ensurdecaram, assumindo tonalidades especiais.

Sobre o dialeto caipira, Cornélio Pires, jornalista e folclorista brasileiro, escreveu dois livros (*Musa Caipira* e *As Estrambóticas Aventuras do Joaquim Bentinho*) que possui um glossário muito rico, na verdade um “Dicionário Caipira”, onde explica sobre as gírias e o palavreado “caipirês”. Alguns exemplos:

Abancamos - Sentamo-nos em bancos.

Abancar - Correr fugindo ou em perseguição de alguém.

³ Língua artificial derivada do tronco tupi. Pertence à família linguística tupi-guarani. Foi criada no século XVII, tendo sido a segunda língua geral indígena desenvolvida no Brasil, após a língua geral paulista.

Abrir-o-pala - Fugir correndo.
Banzé - Desordem. Conflito. "Rôlo".
Banzativo - Preocupado. Pensativo. Triste.
Caguira - Azar. Caiporismo. Medo.
Cahidas - (mulheres). Apaixonadas.
Caieira - Monte de lenha que, logo depois de acesa, toma o nome de fogueira.
Depindura - Na iminência de uma queda ou de empobrecimento.
Déstão - Dez tostões.
Destrocido - Agil. Desembaraçado. Direito.
Estaqueá - Parar bruscamente. Cair morto.
Estrupicio - Grande quantidade. Asnice.
Lavano-cachorro - (sem sabão). Vadiando.
Lavage - Lavagem de fressuras de porco, no rio, afim de atrair peixes.
Lazão - (Cavallo). Alazão.
Mandioca - Raiz feculenta, é o pão dos pobres. Tupy-guarany-"Mandiog".
Mangueira - Grande terreiro cercado para o gado.
Matungo - Cavallo forte, castrado.
Mãozinha preta - Assombramento. Era uma pequena mão que a tudo atendia com grande rapidez, inclusive varrer casa, baldear água e dar palmadas nas crianças manhosas. (PIRES, 1985: 220).

A música caipira tem uma temática rural e, segundo Cornélio Pires que a conheceu em seu estado original, se caracteriza “por suas letras românticas, por um canto triste que comove e lembra a senzala e a tapera, mas sua dança é alegre” (PIRES, 1985: p.220). Entre suas mais destacadas variações, está a moda de viola. O termo "moda de viola" usado por Cornélio Pires é o mais antigo nome da música feita pelo caipira. A música é geralmente homofônica ou, algumas vezes, no estilo primitivo do organum⁴.

A viola é um instrumento menor que o violão, possui uma “cintura” mais definida. Possui dez cordas, agrupadas duas a duas, enquanto o violão possui seis cordas. Uma característica importante que destaca a viola é o uso das cordas bem soltas, o que resulta um som forte, e se bem afinado, sem distorções. Como as cordas da viola são feitas de aço, é necessário o uso de palheta, dedeira ou, como o caipira mais gosta, unhas bem cumpridas.

No cinema, o ator e diretor Amácio Mazzaropi assumiu o tipo, com rancheiras e “pula-brejo”, paletó apertado, camisa xadrez e chapéu de palha. Em seus filmes, representava um caipira desajeitado, preguiçoso e debochado. Com esse personagem,

⁴ Instrumento musical antecessor do órgão.

conquistou a maior bilheteria do cinema nacional, oito milhões de ingressos vendidos.⁵ O sucesso persistiu nas décadas de 1960 e 1970.

Nos dias de hoje, temos um representante caipira que faz muito sucesso em cinemas, histórias em quadrinhos e televisão, o Chico Bento. Criado em 1961 pelo cartunista Mauricio de Sousa, Chico é um típico caipira brasileiro. Anda descalço, adora pescar e caçar, usa chapéu de palha e usa o dialeto caipira.

Entendido agora “como surgiu o caipira” e quem ele era, vamos nos aprofundar para sabermos como era tratada essa figura no século XIX. Mais especificamente através dos jornais da época.

4. O que diziam os jornais

Nos jornais pesquisados foi-se encontrada uma vasta escrita relacionada aos caipiras. Dois lados ficam bem explanados, o caipira morador do campo como um ser preguiçoso e atrasado ou o caipira como esperto, inocente, puro, sagaz. Raymond Williams, pesquisador e escritor galês que possui estudos sobre literatura, teatro e televisão, em seu livro, deixa bem claro isso:

Em torno das comunidades existentes, historicamente bastante variadas, cristalizaram-se e generalizaram-se atitudes emocionais poderosas. O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar do barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. (WILLIAMS, 1989: 11)

Há também autores que relatam de outro modo, como Saint-Hilaire, que descreveu os caipiras como “homens embrutecidos”:

Enquanto descrevia e examinava as plantas, aproximou-se um homem do rancho, permanecendo varias horas a olhar-me, sem proferir qualquer palavra. Desde Vila Boa até Rio das Pedras, tinha eu tido quiça cem exemplos. Esses homens, embrutecidos pela ignorância, pela preguiça, pela falta de convivência com seus semelhantes, e, talvez, por excessos venéreos prematuros, não pensam: vegetam como arvores, como as ervas dos campos. (SAINT-HILAIRE, 1972: 95)

É grande o número de ocorrências – nos periódicos do século XIX – o uso da palavra caipira como forma de xingamento, usada em tom depreciativo.

No periódico *O Sete d' Abril* de 1838, edição 604, na área destinada a correspondências enviadas por leitores, um Inspetor é ofendido de caipira por um morador

⁵ Disponível em: <http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2002/not20020812p1146.htm> Acessado em: 17/07/2013.

que não aceitou a forma como foi tratado pelo tal. Além de caipira, outros xingamentos foram utilizados. No *Correio Paulistano* de 1862, edição 1754, também na área de correspondência enviada pelos leitores, é relatado que o subdelegado Alferes Francisco Antonio Ferreira sofreu uma tentativa de apedrejamento por um morador que não foi identificado e à sua pessoa foram dirigidos insultos, chamando-lhe de caipira e “papa abóboras”.

Essa forma de usar o termo caipira como depreciação muitas vezes não foi bem vista. No periódico *Correio Paulistano* de 1854, edição 140, foi divulgada a morte de Joaquim José Ferreira, um escritor de sátiras, que foi assassinado por um colega que não gostou de uma sátira feita contra ele. Antes de morrer, no hospital, Ferreira escreveu sobre o povo paulistano:

“Comendo iça, comendo cambuquira
Vive a afamada gente paulistana,
E as tais a que chamam caipira.
Que não parecem ser de raça humana”. (*Correio Paulistano*, 1854: 4)

Essa sátira gerou uma forte antipatia contra Joaquim José Ferreira.

Outra forma depreciativa em que se aborda o caipira são as piadas. Podemos comparar essas piadas do século XIX com as piadas de hoje sobre portugueses, que surgiram, penso eu, quando houve um grande fluxo de emigração dos portugueses para o Brasil. Os portugueses em questão eram aqueles das “terrinhas” que toda a vida trabalharam no campo e não tinham o mínimo de educação escolar (bem parecido com o nosso caipira), muitos deles eram analfabetos. Com isso, os brasileiros criaram os estereótipos dos portugueses: burros, com bigode, cheiram mal, padeiros, etc. Esses estereótipos geraram piadas que se mantiveram. No jornal *Diário do Brasil*, de 1881, edição 81, o caipira é relatado em uma piada que se refere à sua inteligência quando um senhor da cidade pergunta ao caipira: “quanto filhos o senhor tem?” O caipira responde: “4, dois casais de mulher e dois casais de homem”.

Na 69ª edição de *O Paiz* de 1884, o linguajar do caipira é mostrado, e mais uma piada sobre sua inteligência aparece. Em uma área do periódico onde se conta alguns contos eis um pequeno trecho:

Um dia certo caipira dirigiu-se a um juiz da roça: - “A pois, sinhô Doutô, V. S. podia mi despachá já este arrequerimento?”. O juiz que estava muito atarefado respondeu-lhe com modo brusco: - “Agora não é possível. Não vê que estou aqui neste atropelo...” – Atropelo, Sinhô Doutô?! Então permita que lhe diga que V.S. não sabe o que é atropelo. Atropelo, sinhô juiz, é um home a cavalo com o filho no colo, a muiê na garupa, chapéu de sol na mão direita, trouxa de roupa na esquerda, cavalo empacado, porteira ranjinguenta e charco na frente. Isto sim, sinhô Doutô, isto é que é atropelo.” (*O Paiz*, 25/04/1884: 3)

A piada dessa edição:

“Um curador de órfãos:

- O senhor é órfão?

O caipira:

- Já fui, nhor sim!”

Há também outra forma muito encontrada nos jornais de se tratar o caipira, a visão caipira como um pobre coitado. Em muitos periódicos são encontradas as expressões “pobre caipira”, “mísero caipira” entre outros termos sinônimos.

No jornal *A Phenix* de 1838, edição 1801, mais uma vez na área de correspondência dos leitores, um senhor reclama da falta de respeito com que foi tratado no hospital o “pobre caipira” que está tomando conta de seu sítio, esse senhor trata o caipira como um pobre coitado “que não tinha onde cair morto”.

Mas nem tudo era apenas depreciação, havia jornais que falavam muito bem dos caipiras, os tratavam como espertos e sagazes, alguns até mesmo como heróis, como é o caso do *Correio Paulistano* de 1862, edição 1754, há um conto no mesmo estilo das histórias do Zorro, e o ajudante do herói principal é um caipira muito esperto, que tira seu companheiro de algumas enrascadas.

No *Correio Paulistano* de 1858, edição 644, há relatada uma Assembleia Provincial (22ª Sessão Ordinárias aos 3 de Março de 1858) onde o deputado P. Souza em conversa com o também deputado E. de Toledo, defende o caipira brasileiro, o comparado com o povo europeu. P. Souza diz:

Diz-se que os brasileiros desde que estão com a espingarda ao ombro, ou com o anzol no rio, desde que tem o lambari para comer e a viola para tocar, de nada mais cuidam. É uma injustiça que se lhes faz. O estudo dessa existência maravilhosa do nosso caipira leva-nos a convicção de que os brasileiros são tão capazes de qualquer serviço como os europeus. (*Correio Paulistano*, 1858: p.15)

E continua sua defesa:

A luta constante de nossos patrícios com o deserto, com os matos, com as feras, levando esse pequeno facho de civilização para os lugares onde o homem ainda não apareceu, é uma prova mais do que suficiente de sua coragem individual como da sua aptidão para o trabalho e frugalidade dos hábitos. (*Correio Paulistano*, 1858: p.15)

No mesmo periódico, um autor denominado “O caipira na Corte” diz que o caipira na corte é quase uma entidade, nunca vê nada, nunca sabe de nada. Mas na verdade sabe de tudo. Que o caipira não cede a imposições nem a sugestões de ninguém. Mostrando toda sua esperteza e sagacidade. Muitos que escreviam artigos aos jornais do século XIX usavam um apelido para que não fossem identificados, pois usavam esse espaço para criticar o país e o

governo. Muito usavam o termo caipira. Nos jornais que pesquisei encontrei alguns que se denominavam O Caipira, o Caipira de Sorocaba, o Caipira Viajante, o Caipira Noturno, o Caipira Institucional, Caipira do Ypanema e Caipira Liberal.

No mesmo Correio Paulistano citado acima, encontra-se notícias de processos contra Joaquim Jose Pereira e Antônio Gonçalves, onde são acusados de andarem “armados” com uma faca. “O Sr. Pereira que na qualidade de caipira é mais fácil largar o nariz do que a faca, enterrou-a na barriga assim como quem bebe um copo d’água”(Correio Paulistano, 1858, edição 644). Contra Antônio Gonçalves, é dito ser um andarilho e será interrogado por isso e pelo uso do instrumento. Esse instrumento/arma faz parte da cultura do caipira, onde ela servia para várias coisas, desde armamento contra algum animal ou pessoa até como utensílio para a alimentação no campo onde trabalhavam, passando por picador de fumo. Era um instrumento vital para a vida do caipira. Almeida Junior representa esse instrumento em duas pinturas de sua autoria, “Amolação interrompida” e “O caipira picando fumo”.

Imagem 1 - “Amolação interrompida”



Imagem 2 – “O caipira picando fumo”



5. Fechando a porteira

Conclui-se minha pesquisa *online*⁶ aos jornais do século XIX, que pude constatar a fácil disponibilidade para consulta em uma importante parte da nossa história contada através da imprensa periódica no Brasil. Acredito que a pesquisa em fontes primárias e o trabalho de levantamento de fontes é de total importância para ampliação de pesquisadores sobre temas cada vez mais ligadas à História do Brasil de forma cada vez mais vasta.

Após toda minha pesquisa pude concluir que o caipira, na grande maioria dos casos, é um forte representante da nacionalidade brasileira, de um Brasil rural e atrasado no

⁶ Pesquisa feita em: <http://hemerotecadigital.bn.br/>

tempo. Ele representa o elemento contrastante para que os homens possam se achar no tempo e no espaço em um período de vivas mudanças. Nesse sentido, os estudos que fiz abordaram desde a origem do termo “caipira” até à sua cultura, passando por seu dialeto.

Os periódicos mostram que ora o caipira era visto como esperto, safo, como retratado por Pedro Bandeira em “*Malasaventuras: safadezas do Malasarte*” (1995), ora era burro, atrasado, incapaz de compreender simples perguntas que eram lhe dirigidas. Fica evidente que a população urbana não conhecia praticamente nada sobre o caipira, apenas que fazia parte do folclore, vivendo afastado, plantando e cultivando de tudo o que precisava. O preconceito fica evidente com as piadas e com o termo depreciativo que é usado com frequência. É fácil de se entender se fizéssemos uma comparação entre o caipira e o português “burro”, que nunca entende o que lhe explicam, que é sempre o último a saber de tudo. Isto está enraizado no povo brasileiro desde o século XIX. Existe até hoje o preconceito entre estado e cidades, preconceito contra o nordestino, contra o mineiro, contra o carioca, enfim, em todos os cantos do Brasil há um certo preconceito com a cultura de nosso povo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMARAL, Amadeu, 1875-1929. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, Brasília: INL, 1981.

BANDEIRA, Pedro. *Malasaventuras – safadezas do Malasarte*. São Paulo: Moderna (Coleção Veredas), 1995.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: o estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 8ª ed. São Paulo: Duas cidades, 1964.

CASCUDO, Luiz da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 7ª ed. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Edusp, Ed. Itatiaia Ltda. Coleção Reconquista do Brasil, 2 série, v. 151.,1988.

CASTRO, Carolina do Carmo. *Representações do Caipira na Cultura Popular*. II Seminário de Pesquisa da Pós Graduação em História UFG/UCG. Artigo. p.16, 2009.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário Histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. 3ª ed. São Paulo: Melhoramentos: EDUSP, 1989.

Dicionário Online Priberam de língua portuguesa. <<http://www.priberam.pt/dlpo/>>

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Do Caipira Picando Fumo a Chitãozinho e Xororó, ou da roça ao rodeio*. Revista USP, São Paulo, n.59, p. 232-257, nov. 2003.

PIRES, Cornélio. *Conversas ao pé do fogo*. 2ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, Edição fac-similar, 1987.

_____. *Musa Caipira*. São Paulo, Livraria Magalhães, 1910.

_____. *As Estrambóticas Aventuras do Joaquim Bentinho (O Queima Campo)*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1924.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de São Paulo*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Univ. São Paulo, 1976.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2003.

REFERÊNCIA DAS IMAGENS

Imagem 1 - JÚNIOR, José Ferraz de Almeida. *Amolação interrompida* 1894, óleo sobre tela, 200 x 140 cm. São Paulo: Museu Paulista.

Imagem 2 - JÚNIOR, José Ferraz de Almeida. *Caipira picando fumo*. 1893, óleo sobre tela, 202 x 141 cm. São Paulo: Museu Paulista.

PERIÓDICOS PESQUISADOS

A Phenix de 30/05/1838

Correio Paulistano de 03/03/1858

Correio Paulistano de 11/07/1854

Correio Paulistano de 15/05/1854

Correio Paulistano de 19/02/1862

Diário do Brazil de 16/08/1881

O Paiz (RJ) de 21/10/1884

O Sete d' Abril de 01/03/1834